Guia do Centro Cultural Palácio Rio Negro

ROBÉRIO BRAGA

Edições Governo do Amazonas
Manaus - 2000

GUIA
DO CENTRO CULTURAL
PALÁCIO RIO NEGRO

ROBÉRIO BRAGA

GUIA
DO CENTRO CULTURAL
PALÁCIO RIO NEGRO

Edições Governo do Amazonas
Manaus - 2000

Edições Governo do Estado do Amazonas

Apresentação

Tenho a firme convicção de que um governo de transformação deve agir por meio de políticas públicas eficazes no setor social. Assim, tenho agido em relação à política cultural que decidi implantar a partir de janeiro de 1997 com a criação de Secretaria específica.

Os resultados começam a surgir. Um dos maiores exemplos é a criação e instalação do Centro Cultural Palácio Rio Negro, com as artes ocupando o antigo palácio do governo, o símbolo do poder político, a vestimenta solene para o local de trabalho do governador. Dele abri mão pela clara certeza de, com este gesto, fazê-lo inteiramente um bem histórico de uso do povo, para sua valorização.

Neste Centro Cultural já passaram, em fase de treinamento prático, mais de 300 alunos do curso médio de Turismo que criamos no antigo Colégio Estadual D. Pedro II, evidenciando um outro papel importante que ele desempenha.

Está consolidado, mas ainda há muito a fazer. Faremos juntos.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado

Introdução

Este manual deve servir ao guia turístico e ao monitor de visitação do Centro Cultural Palácio Rio Negro, especialmente para contribuir na formação de profissionais, permitindo o mais amplo conhecimento da história amazonense e fazendo com que o turista possa tirar o melhor proveito de sua visita ao Centro que é, ao mesmo tempo, referencial histórico e polo de difusão cultural.

Faz-se necessário também, porque é rara a bibliografia sobre a história de Manaus e o Centro Cultural Palácio Rio Negro tem servido para a formação acadêmica de estudantes de cursos médio e superior de turismo, cujo estágio não deve ser apenas para cumprir uma exigência curricular.

Deve servir também ao turista, quando interessado em avançar no conhecimento sobre a terra e as coisas amazonenses.

Manaus no começo do século

De uma cidade bastante acanhada e modesta nos fins dos anos 1890, Manaus transformou-se a partir do governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro, engenheiro militar, maranhense de nascimento, chamado de "O Pensador" porque, liderando movimento político em sua terra, escrevera em jornal com aquele nome. Eduardo Ribeiro foi o principal responsável pela transformação da capital amazonense em padrões altamente modernos para a época.

Tendo exercido o Governo do Estado várias vezes, foi o substituto do primeiro governador nomeado pela República, o tenente Augusto Ximeno de Villeroy, depois foi 2º vice-governador, governador nomeado e governador eleito pela constituinte estadual de 1892, contando com amplo apoio popular.

Eduardo Ribeiro construiu avenidas largas, boulevares, o monumental Teatro Amazonas, o reservatório do Mocó, além de outras expressivas obras, aterrou igarapés e definiu um plano urbanístico para Manaus, modificando completamente a paisagem da cidade.

Era época do período áureo da economia da borracha e até 1912 tudo seria prosperidade. Em

Manaus aportavam navios de vários países com regularidade; o porto flutuante fazia sucesso; o sistema de abastecimento de água e esgoto, os serviços elétricos e o bonde, eram modernidades que davam à capital amazonense o requinte europeu e a faziam centro de atenções.

Naquela época muitos empresários vieram da Europa para desenvolver negócios, entre eles Waldemar Scholz.

O Palacete Scholz

Tendo chegado a Manaus com um grupo de comerciantes, seringalistas e exportadores que se notabilizaram, Waldemar Scholz, alemão de nascimento, estabeleceu-se como exportador de borracha com armazém e escritório próprio, e em 1903 estava instalado na rua dos Remédios.

Colaborou para a fundação do Clube Alemão de Manaus, foi consul da Áustria, diretor e presidente da Associação Comercial do Amazonas entidade que representa os comerciantes desde 1871, ainda em funcionamento regular. Foi ele quem construiu na rua Municipal, depois avenida Fileto Pires como era chamada a atual avenida Sete de Setembro, o conhecido Palacete Scholz, para sua residência. Casado e sem filhos, pretendia morar no palacete

criando aves e cavalos de raça, atividades que tinha como hobbie.

Os negócios de borracha começaram a decrescer de forma assustadora e Waldemar se viu obrigado a hipotecar o palacete por 400 contos de réis ao comerciante Luiz da Silva Gomes, próspero seringalista do Rio Purus. Depois de um ano, e sem conseguir pagar o empréstimo, devendo cerca de 618 contos de réis, viu o prédio ser levado a leilão e tentou arrematá-lo mas não teve êxito, permanecendo o imóvel com o detentor da hipoteca.

Waldemar Scholz

Sem perspectiva de melhora nos seus negócios, Waldemar Scholz retornou à Alemanha em 1916, ao tempo da primeira guerra mundial, sem mais voltar ao Amazonas, deixando o palacete como marco importante de uma época.

Luiz da Silva Gomes que era seringalista e proprietário da região conhecida como São Luiz do Cassyanã, no Rio Purus, foi quem alugou e depois vendeu o palácio para o governo do Estado. São Luís do Cassyanã era localidade de produção de borracha localizada a 926 milhas de Manaus e a 23 milhas da sede do município de Lábrea. Era área de pedras e praia.

O rio Purus foi explorado pelo prático Serafim da Silva Salgado em 1852, mas já tinha sido conhecido por Francisco Orellana em 1542, Pedro Teixeira em 1637, La Condamine em 1743, Castelnau em 1843.

Luiz da Silva Gomes teve grande influência política, especialmente junto às lideranças políticas do Purus e do Madeira, notadamente ao governador Pedro Bacellar.

Em carta de 10 de dezembro de 1920, expedida de Hamburgo, mais precisamente de Brahmsallée, 10, dirigida ao cel. Antônio Bittencourt, disse Scholz:

> "Está se acabando o ano de 1920 e com ele o quarto de minha ausência do Amazonas, ausência causada pelas circunstâncias."

Tinha residido em Manaus por mais de 20 anos e saíra pelo rio Madeira, indo até a Bolívia e Corumbá, seguindo depois para Petrópolis no Rio de Janeiro onde encontrou-se com a família. Por receio da guerra travada contra a Alemanha, Scholz levou a família pela Argentina, Paraguai e Uruguai, depois de muito tempo seguiu para Hamburgo pela Holanda, em fins de 1919.

Na Europa, tendo instalado firma comercial, ainda pretendia agir em defesa do Amazonas, reclamando que deveríamos investir em divulgação, para o que só pedia "apoio oficial" e nada de recursos financeiros.

Naquela data escrevera com o mesmo propósito ao Dr. Vicente Reis e ao presidente da Associação Comercial.

Waldemar Scholz faleceu em Hamburgo em 1928.

Palácio Rio Negro - Sede do Governo

Até 1917 a sede do governo do Estado funcionava em prédio da municipalidade depois sede da Prefeitura de Manaus, na Praça D. Pedro II, antigo largo do Pelourinho. Foi ali que o baiano Pedro d' Alcântara Bacellar iniciou seu governo no dia 1º de janeiro de 1917, em meio a reações políticas e forte tiroteio.

Pedro d' Alcântara Bacellar. Governador que adquiriu o Palácio Rio Negro. 1918

No ano seguinte Bacellar alugou o Palacete Scholz por um conto de réis e depois resolveu comprá-lo para sede da administração e residência do governador. A aquisição feita por escritura pública em 1918, registrada no cartório, ao preço de 200 contos de réis que, segundo os historiadores da época, era bem inferior ao que valia o imóvel. Foi a partir de então que passou a denominar-se Palácio Rio Negro.

Os Governos. As Reformas. A Restauração

De 1918 a abril de 1995 o Palácio funcionou como sede do governo, gabinete de despachos oficiais e recepções do governador, constituindo-se em símbolo do poder político.

Nele residiram todos os governantes de 1918 a 1959, aproximadamente, de Pedro Bacellar a Gilberto Mestrinho, em parte do seu primeiro governo. Foram governadores eleitos pelo povo, interventores federais, governantes revolucionários, civis e militares, dirigentes eleitos pela Assembléia, amazonenses, mineiros, gaúchos, nordestinos.

Para adequar o prédio às necessidades de cada administração foram sendo realizadas reformas e adaptações, algumas simples e outras expressivas, tendo havido até as que alteraram as pinturas originais.

O governador Álvaro Maia mandou edificar mais um andar na ala direita do edifício; em outro período instalou-se um elevador; e no governo João Walter de Andrade (1971-1974) construiu-se o anexo de linhas modernas, à esquerda do palácio (1972).

O mobiliário foi sendo substituído. Lustres, louças e peças de decoração foram sendo extraviadas.

Em 1981, no governo José Lindoso (1979-1982) foi realizada a restauração do prédio com recomposição das pinturas originais, recuperação de móveis e climatização, com a instalação de sistema de ar refrigerado.

A obra foi efetuada tendo à frente o vice-governador Paulo Pinto Nery através de comissão integrada por várias autoridades, ocasião em que foi incorporado o anexo da Vila Ninita mediante desapropriação determinada pelo decreto n.º 5.111, de 25 de agosto de 1980. Trata-se de imóvel na Av. Sete de Setembro, n.º 1546, com área de 740,52 m², que era propriedade de José Lopes Guilherme.

A restauração foi a segunda no gênero realizada em Manaus, em convênio com o governo federal pelo programa "Cidades Históricas", e seu projeto foi elaborado pelo gabinete do vice-governador.(1)

Nova recuperação foi realizada no governo Gilberto Mestrinho (1982-1986) e finalmente em 1997, no Governo Amazonino Mendes quando o prédio foi aparelhado para funcionar como Centro Cultural inclusive com instalação de sistema contra incêndio, alarme contra roubo e climatização adequada.

O Tombamento

Foi tombado como patrimônio histórico estadual pelo decreto n.º 5.218, de 03 de outubro de 1980, em atendimento a longa Exposição de Motivos apresentada (2), indicando o tombamento que foi feito juntamente com a sede da Academia Amazonense de Letras, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e o Palácio da Justiça, também no governo José Lindoso, porque esta era a condição essencial para aprovação do apoio financeiro federal destinado a sua restauração e porque era necessário iniciar um processo regular e sistemático de preservação dos bens arquitetônicos do Estado.

A transformação em Centro Cultural

O sonho era antigo. Já em 1975 foi apresentada ao governador Henoch Reis proposta para instalar no Palácio o Museu do Estado. Faltava governante disposto a abrir mão do mais importante símbolo de poder político.

Iniciado o segundo governo Amazonino Mendes (1995–1998) o tema voltou à discussão com o formato de Centro Cultural. A idéia animou o governador que, de logo, decidiu implantá-lo. E marcou data. No feriado prolongado de abril de 1995 a sede do governo foi transferida para as instalações da Secretaria de Produção, na estrada Torquato Tapajós, km 9, para que o Palácio fosse entregue ao povo, como o governador explicou à imprensa.

Transferida a sede do governo, o Palácio ficou à espera da implantação do Centro Cultural. Em 1996 foi utilizado para sediar a exposição "Coleção de Brasília", mostra de artes plásticas com importante acervo de renomados artistas como Di Cavalcanti, Portinari, Djanira, mas o evento foi encerrado sem a implantação do Centro Cultural.

Em janeiro de 1997, criada a Secretaria de Estado da Cultura e Estudos Amazônicos, o Palácio passou por adaptações especiais recebendo climatização moderna, sistema de alarme contra incêndio e obras civis de conservação, e acolheu, de março a junho daquele ano, a exposição internacional "Memórias da Amazônia" com a coleção etnográfica recolhida por Alexandre Rodrigues Ferreira, resultado de cooperação entre a Universidade do Amazonas, Governo do Estado e Universidades do Porto, Lisboa e

Coimbra. Foram mais de 50 mil visitantes. Ainda não se implantara o Centro Cultural pretendido.

Contando com a consultoria especializada de técnicos do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, do Rio de Janeiro, convidados pela Secretaria de Cultura e Estudos Amazônicos, foi traçado o formato do Centro Cultural Palácio Rio Negro.

Organizado, foi aberto ao público em 28 de agosto de 1997, sendo seu primeiro coordenador o artista plástico Óscar Ramos, nome singular para a produção cultural amazonense.

No ano de 1997 foram realizadas exposições, espetáculos de música, teatro e vídeo. O público reconhecia o lugar e aplaudia a iniciativa.

Com programação mais popular, rica e variada, o Centro consolidou-se no ano de 1998 com exposições, espetáculos de música, teatro, dança e vídeo, passando a ter as suas atividades coordenadas pelo artista plástico Sérgio Cardoso, dinâmico administrador cultural, que atuou até setembro de 1999, firmando-se como pólo de difusão artística.

Como Funciona

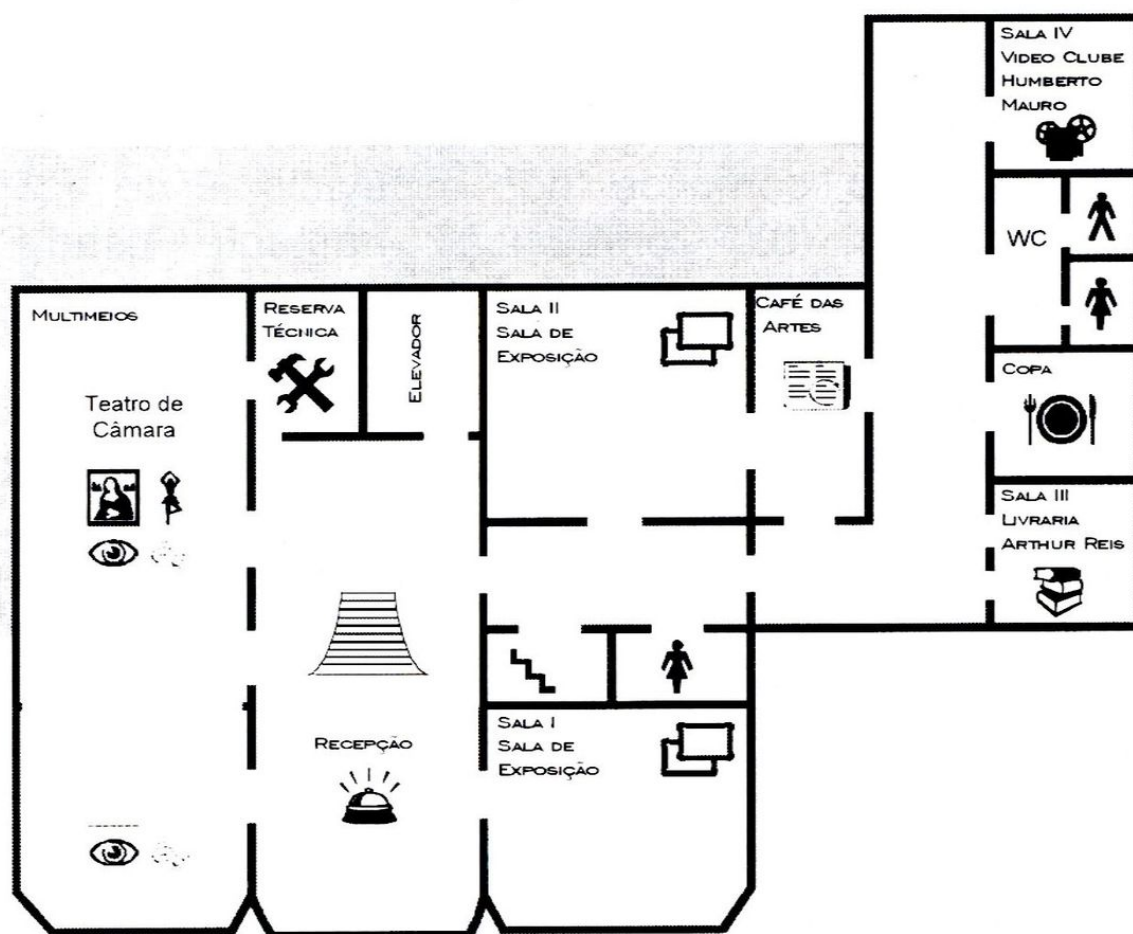
O Centro Cultural Palácio Rio Negro é o principal pólo de atividade cultural do Estado, e oferece espetáculos de teatro adulto e infantil, música popular, clássica, barroca e canto coral; ciclos de cinema; exposições de artes plásticas, de temática histórica e de colecionadores particulares de peças curiosas e brinquedos; livraria de arte; exposição de numismática; coleção de mobiliário antigo e obras da Pinacoteca Pública já restauradas; além de serviços de bar com café, tacacá, lanches, telefone público. São ao todo 15 salas.

Há um calendário anual de eventos.

Horário

O Centro funcionava regularmente de 3ª a domingo das 16 às 21hs. A partir do ano 2000 passa a funcionar no horário de 3ª a 6ª das 10 às 17hs para atender o grande fluxo de estudantes e turistas, e aos sábados e domingos das 16 às 21hs, ampliando o horário de encerramento na área externa, conforme os shows que se realizam na varanda do andar térreo, especialmente de jazz, rock e transmissão ao vivo de programas de televisão através da TV Cultura.

Entrada e Estacionamento

A entrada é franca em todos os eventos e o estacionamento é livre, comportando até 50 carros, podendo ser utilizado regularmente inclusive por grupos de turistas e excursões.

Planta do Palácio (térreo)

Hall de entrada

No hall do Palácio o visitante pode observar a porta principal, em madeira de lei, com fechadura, dobradiças e puxadores em bronze. À sua esquerda, estátua de bronze de Cristóvão Colombo sobre coluna de 1,06 x 0,44, assinada por Berr- Fundição R. Cottin, importada de Paris, em homenagem ao descobridor da América.

O piso, como de todo o palácio, é de acapu e pau amarelo (3), composição bastante usada em Manaus nas construções da época da borracha.

No pórtico da escada, duas estátuas de bronze com luminárias, esculturas assinadas por Thialaut, de 1.56m. e, no alto ao fundo da escadaria, um relógio tipo carrilhão, em corpo de madeira especial, de 2,10 x 0,53 cm.

SALA I

Destinada a exposições de artistas renomados, bem como acervo histórico, principalmente. Localizada à direita da entrada principal, no andar térreo, ao lado da recepção principal.

Nesta sala funcionou durante muitos anos o serviço de Cerimonial do Gabinete do Governador.

Foto de Sérgio Cardoso

Exposição de Artes Plásticas

SALA II

Destinada a artistas consagrados e de amplo reconhecimento e a acervos históricos, principalmente. Localizada à direita da entrada principal, no andar térreo, ao lado do Café das Artes.

Nesta sala funcionou durante muitos anos a Casa Militar do Gabinete do Governador.

Foto de Sergio Cardoso

CAFÉ DAS ARTES

Serviço de café, lanche regional e provador de guaraná, que atende na sala e na varanda do andar térreo. Funciona no mesmo horário da visitação e apresentação dos espetáculos e exposições, podendo estender-se nos fins de semana, com programação variada e para eventos previamente agendados.

Foto de Sérgio Cardoso

Café das Artes

Trata-se de atividade gerida pela Associação de Amigos da Cultura.

SALA III

Destinada à Livraria Arthur Reis. Localizada à direita da entrada principal, no andar térreo, logo a seguir do Café da Artes, ao lado de uma entrada lateral de serviço.

Livraria Arthur Reis, destinada à exposição e venda de livros de arte, literatura, música, romance e história, além de discos e postais.

Utiliza móveis que eram do escritório particular do Comendador Emídio Vaz d'Oliveira, figura singular da história recente do Amazonas, empresário, advogado e incentivador das artes e das letras. Português de nascimento, de fino trato, amigo pessoal de ilustres intelectuais como Jorge Amado e Thiago de Mello.

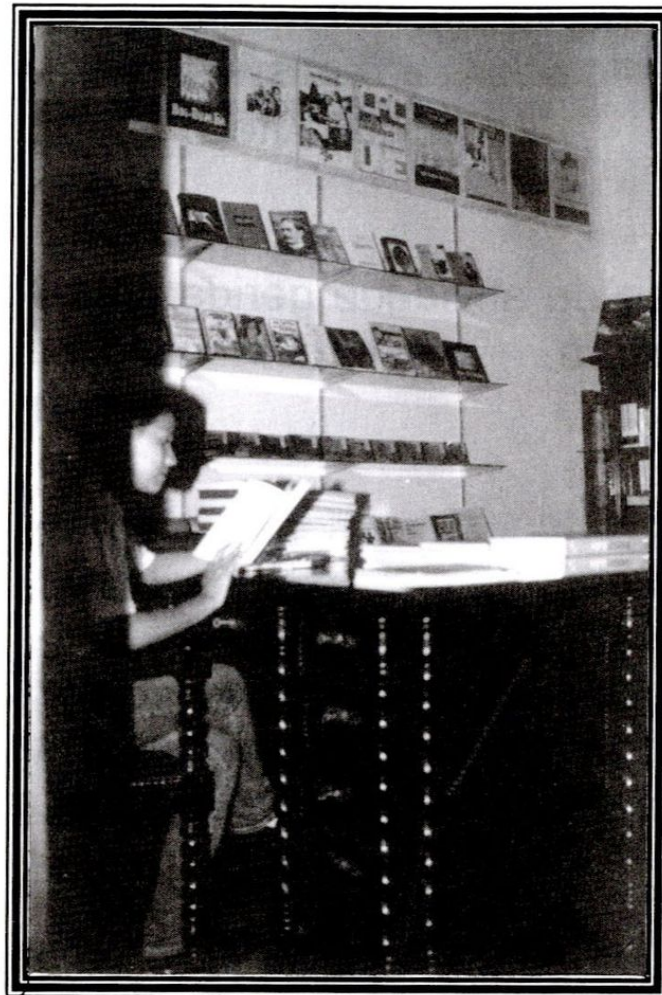



Foto de Sergio Cardoso

Livraria Arthur Reis

A livraria é mantida em convênio do Governo do Estado/Secretaria da Cultura e Turismo com o Ministério da Cultura/Funarte. Administrada pela Associação de Amigos da Cultura.

Arthur Cézar Ferreira Reis era amazonense de Manaus, nascido em 8 de janeiro de 1908 e falecido no Rio de Janeiro. Era professor, advogado, historiador, foi governador do Estado (1964-1967) e autor de mais de duas centenas de livros sobre a Amazônia. Foi vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, secretário e Presidente de Honra do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas e membro da Academia Amazonense de Letras.

Foto do Gov. Arthur Reis, a sua esquerda o sociólogo Gilberto Freyre.

Nesta sala funcionou durante muitos anos a subchefia da Casa Civil do Governador do Estado.

SALA IV

Destinada ao Cine-Vídeo Clube Humberto Mauro, organizado com apoio da TV Cultura canal 2, na qual se realizam mostras de ciclos de cinema. Funciona regularmente e tem horários especiais para projeção de filmes selecionados.

Sala para 25 lugares, com telão de 61 polegadas e refrigeração adequada. Localiza-se logo a seguir da Livraria Arthur Reis, no corredor lateral do Palácio.

Humberto Mauro, cineasta brasileiro nascido em Volta Grande, Minas Gerais em 1877 e falecido em 1983. Foi diretor, intérprete, roteirista e fotógrafo. Realizou, dentre outros, os filmes: *Carro de Bois, Brasa Dormida, Gunga Bruta, Sangue Mineiro, Tesouro Perdido, Argila* e *O canto da Saudade.* Foi homenageado no festival de Cannes de 1982.

SALÃO NOBRE

Teatro de Câmara

Destinado a espetáculos de teatro, música clássica, barroca, canto coral e dança, tem 90 lugares. Seu acesso é orientado pela concessão de senhas,

gratuitas, para cada espetáculo, que o interessado deve receber no Café das Artes. A senha assegura o lugar até 10 minutos antes do início do espetáculo.

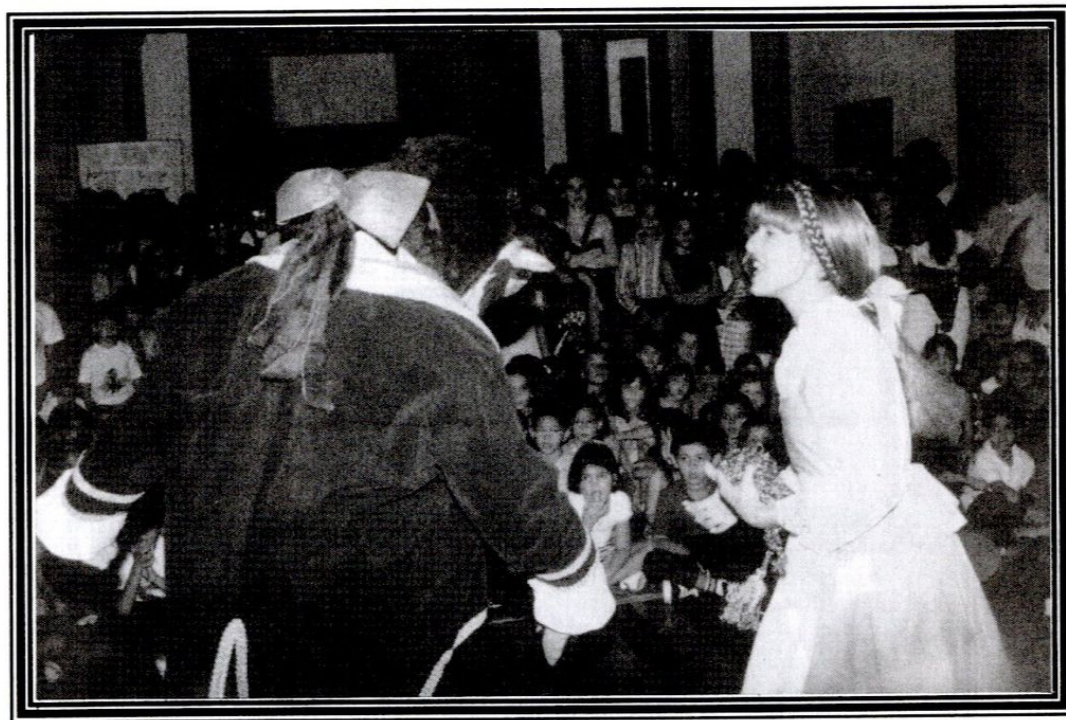



Foto de Sérgio Cardoso

Teatro Infantil

A saída da sala de espetáculo é feita pela porta que leva à varanda posterior do prédio.

As poltronas são nas cores vermelho e azul em homenagem aos bois Garantido e Caprichoso que representam o folclore amazonense.

Localizada à esquerda da entrada principal, no andar térreo, a sala tem programação regular e refrigeração adequada. Trata-se do antigo salão nobre do Palácio do Governo, onde se encontram lustres de época e obras de arte de artistas amazonenses, em mostra temporária.

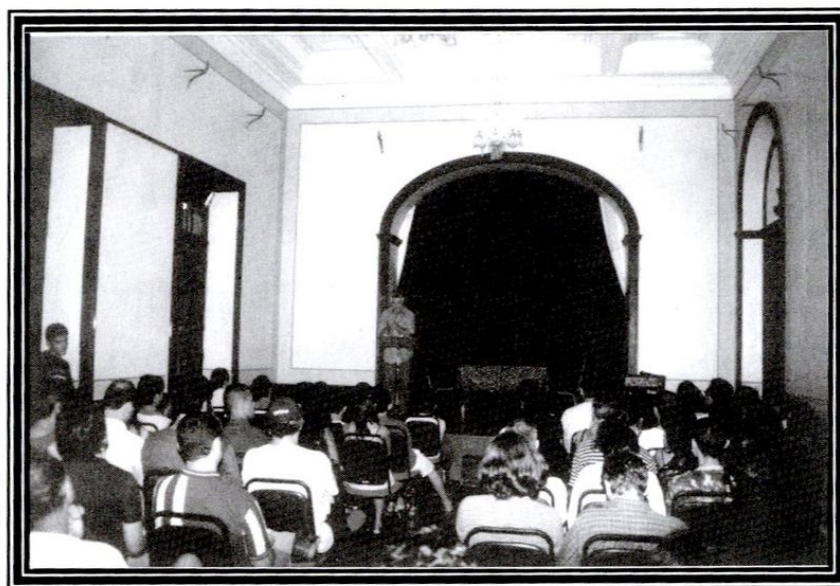
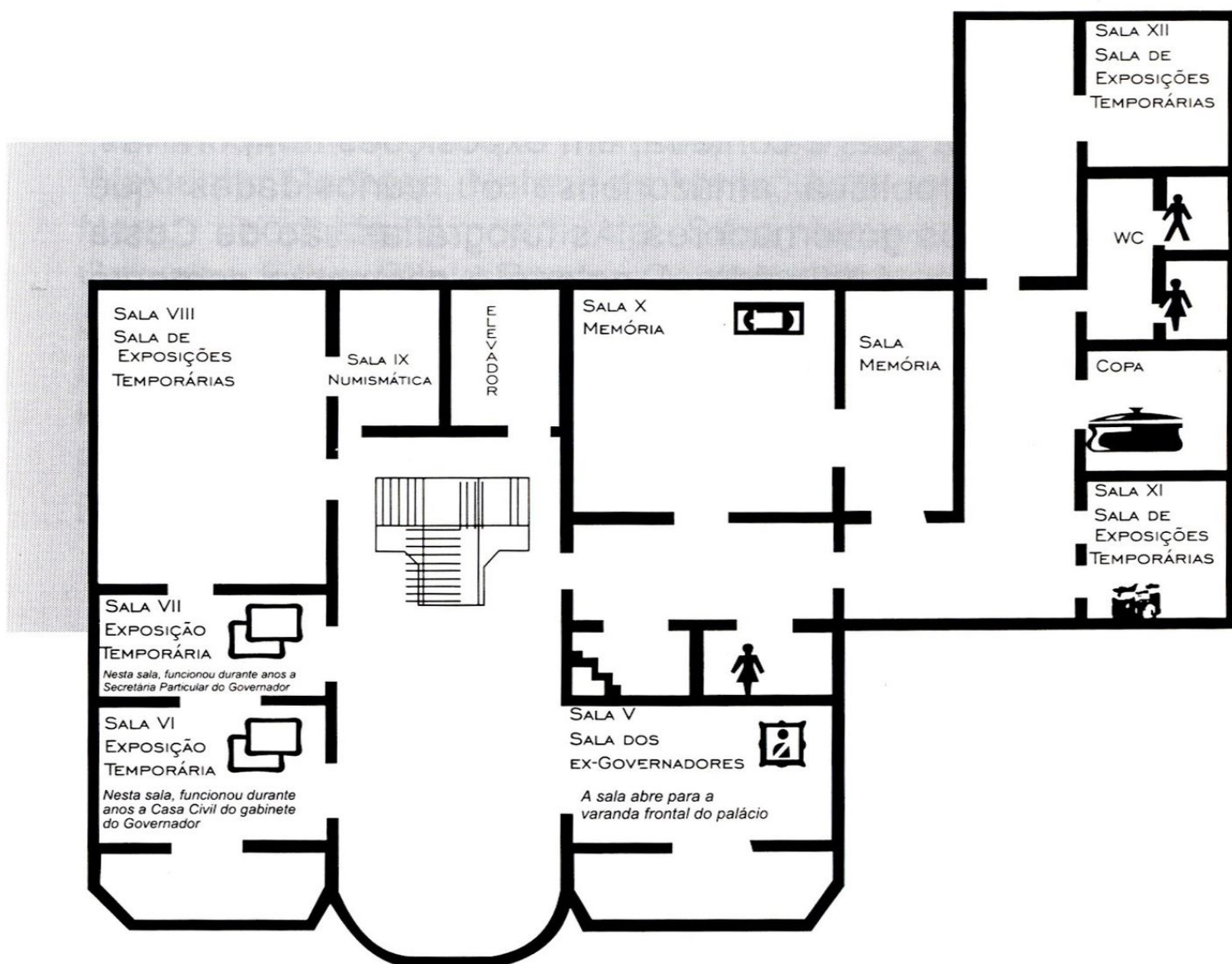



Foto de Sérgio Cardoso

Leitura Poética

Foto de Sérgio Cardoso

Teatro de Câmara

Planta do Palácio (2º andar)

SALA V

Abriga a Galeria de Honra dos Governadores do Estado e na qual é contada, em exposições temporárias, a história política amazonense ou curiosidades que envolvem os governadores. As fotografias são de Costa Lima, artista já falecido. A galeria é composta somente pelos governadores eleitos ou que foram titulares do cargo.

Localizada à esquerda da escada, no piso superior.

Nesta sala funcionou durante anos a Secretaria Particular do Governador.

Nela podem ser vistos os retratos dos governantes amazonenses no período de 1890 até o presente momento. Na ordem de exposição são os seguintes: Augusto Ximeno de Vilerroy, Eduardo Gonçalves Ribeiro, Antônio Gomes Pimentel, Thaumaturgo de Azevedo, José Inácio Borges Machado, Fileto Pires Ferreira, José Cardoso Ramalho Júnior, Silvério José Nery, Afonso de Carvalho, Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, Antônio Constantino Nery, Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, Jonathas de Freitas Pedrosa, Pedro d' Alcântara Bacellar, César do Rego Monteiro, Turiano Chaves Meira, Alfredo Augusto

Ribeiro Júnior, Alfredo Sá, Ephigênio Ferreira de Salles, Dorval Pires Porto, Pedro Henrique Cordeiro Júnior, José Alves de Souza Brasil, Francisco Pereira da Silva, Álvaro Botelho Maia, Antônio Rogério Coimbra, Waldemar Pedrosa, Nelson de Mello, Júlio José da Silva Nery, Leopoldo Amorim da Silva Neves, Júlio de Carvalho Filho, Plínio Ramos Coelho, Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, Arthur Cezar Ferreira Reis, Danilo Duarte de Mattos Areosa, João Walter de Andrade, Henoch da Silva Reis, José Bernardino Lindoso, Paulo Pinto Nery, Amazonino Armando Mendes, Vivaldo Barros Frota.

Há curiosidades que podem ser indicadas: o Amazonas teve governantes constitucionais, de período de exceção, eleitos direta e indiretamente, vices interinos e vices sucessores, presidentes do Poder Legislativo e do Poder Judiciário, militares da Marinha e do Exército, médicos, advogados, professores, engenheiros, jornalista, funcionário público, magistrado, ministros de Tribunal Superior, comerciante e apenas uma mulher, mesmo que na condição de governadora interina. A única mulher a exercer o cargo foi a deputada Elizabeth Azize, na condição de presidente da Assembléia Legislativa, no período de 1983-1986. Os mais novos foram: Fileto Pires, Júlio de Carvalho Filho e Gilberto Mestrinho; o que governou durante mais tempo foi Álvaro Maia com gestões como Interventor Federal e governador eleito, em período que vai de 1930-1931, de

1935-1937, de 1937-1945, e finalmente de 1951 a 1954; o que governou menos tempo foi o capitão de mar-e-guerra Hormidas Albuquerque, com duração de 22 horas, em agosto de 1924, tendo saído da prisão para o governo e deste imediatamente para a mesma prisão, em razão da revolução militar dos tenentes; há ainda um governador que assumiu a bordo de um navio, Raimundo Rodrigues Barbosa, também em 1924, sempre em razão dos problemas decorrentes da deposição do governador Rego Monteiro e da Revolução dos Tenentes.

Há uma renúncia dita como fraudada, a de Fileto Pires Ferreira em 1898, e várias deposições por golpes, como as de Thaumaturgo de Azevedo, Antônio Bittencourt, Rego Monteiro, Dorval Porto e Plínio Coelho. De uma só família quatro foram governadores: Silvério Nery, Constantino Nery, Júlio Nery e Paulo Nery.

Governaram mais vezes o Estado, por meios diversos: Álvaro Maia, quatro vezes, Eduardo Ribeiro três vezes, Gilberto Mestrinho três vezes, Amazonino Mendes três vezes e Plínio Coelho duas vezes.

SALA VI

Destinada a exposição temporárias. A sala abre-se para a varanda frontal do Palácio.

SALA VII

Destinada a exposições temporárias de peças de colecionadores particulares, especialmente de acervos que possam despertar curiosidade. Nela já foram expostas placas de ruas, carros de brinquedo, aviões, postais, discos, corujas, sapos, selos, chaveiros, imagens religiosas, igrejas em miniaturas, dentre outras coleções.

SALA VIII

Destina-se a exposições variadas, temporárias. Trata-se do antigo gabinete de trabalho do governador, cujas portas abrem-se para a varanda lateral e posterior, do segundo pavimento.

Nesta sala pode-se ver o lustre principal, de época.

SALA IX

Trata-se do antigo gabinete particular do Governador.

Destinada a exposição de numismática, especialmente da coleção do Museu de Numismática do Estado organizado por Bernardo Azevedo da Silva

Ramos e adquirido pelo governo em 1904. Os móveis são da mesma época.

Bernardo Azevedo da Silva Ramos nasceu em Manaus, a 12 de novembro 1858, filho de Manuel da Silva Ramos e Jesuína Maria de Azevedo Ramos.

Seu pai era tipógrafo e foi fundador da imprensa amazonense com o jornal "Cinco de Setembro", editado em 3 de maio de 1851.

Bernardo Ramos iniciou a vida como funcionário do Correio. Fundador do Clube Republicano do Amazonas (1889), foi vereador de Manaus após a proclamação da República. Fez inúmeras viagens de estudos por várias partes do mundo, especialmente a Palestina e Egito.

Integrou o grupo de fundação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (1917) e foi seu primeiro Presidente.

A Coleção Numismática que organizou, figurou na Exposição Nacional de 1900, comemorativa do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, realizada no Rio de Janeiro, sendo considerada a primeira do país e a quarta do mundo.

Casado com a professora Euthália Barroso Ramos. Seus filhos: Aurora, Mário, Maria, Julião e Lucy.

Faleceu no Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1931.

SALA X

Destinada ao mobiliário antigo do Palácio e exposição de obras de arte restauradas pelo Gabinete de Restauro da Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Turístico da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado.

Nela podem ser encontradas obras de Aurélio Figueiredo, Manoel Santiago, Eliseu Visconti, F. Machado, Dakir Parreiras e outros renomados artistas brasileiros.

Na sala conjugada, pode-se observar no alto, em espaço sem forro, as marcas das obras de ampliação do Palácio, realizadas no governo Álvaro Maia, no ano de 1945.

Os móveis são de estilo e pertenciam originalmente ao Palácio do Governo. Podem ser destacados: mesa de jacarandá escura, estilo inglês, época de Carlos II, século XVIII, Inglaterra, período chamado restauração. Sóbria, opondo-se ao estilo inglês de esplendor barroco; estatueta de bronze, figura feminina, sentada, de autoria de Engenheiro Bénei;

estátua de bronze, figura feminina, intitulada L'Inpiration, assinada por Henry Plé; cadeiras tipo espreguiçadeira, em madeira trabalhada com motivos florais.

Varanda Frontal

Encerrando o circuito de passeio, o visitante pode utilizar a varanda frontal do Palácio para conversa amena, fazer fotografias, observar a paisagem urbana e boa parte da cidade. O piso é de lajota regional, original.

Corredor Superior

No corredor superior, enquanto o visitante se desloca da sala de fotografia para outra sala de exposições, podem ser contempladas peças do mobiliário e decoração antiga do Palácio, como cristaleiras em cristal bisotê, prateleiras de vidro e fundo de espelhos, esculturas em bronze importadas de Paris.

Varanda Posterior

Se preferir, ao sair da sala de fotografia o visitante pode conhecer a varanda posterior do Palácio, no segundo andar, vendo do alto os jardins do Palácio, os postes que iluminavam as ruas de Manaus no período áureo da borracha, conhecidos como "cajado São José ", em razão do formato; o igarapé de Manaus no qual atracavam as lanchas oficiais do governo até a

década de 1960, hoje tomado por palafitas, construções regionais fincadas em área alagadiça, típicas do Amazonas.

As grades são de ferro fundido, importadas da Europa e o piso é lajota de cerâmica local, originais.

SALA XI

Destinada, principalmente, a exposições de fotografias.

SALA XII

É a última sala, à direita do prédio, e era utilizada para refeitório do governador do Estado, até 1995.

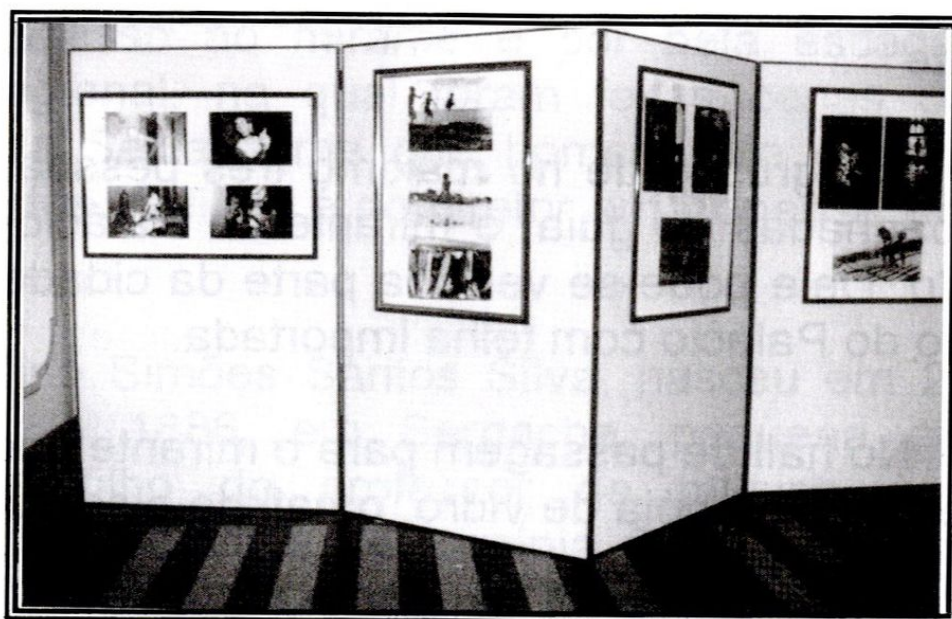



Foto de Sérgio Cardoso

Exposições

A sala destina-se a exposição dos novos artistas.

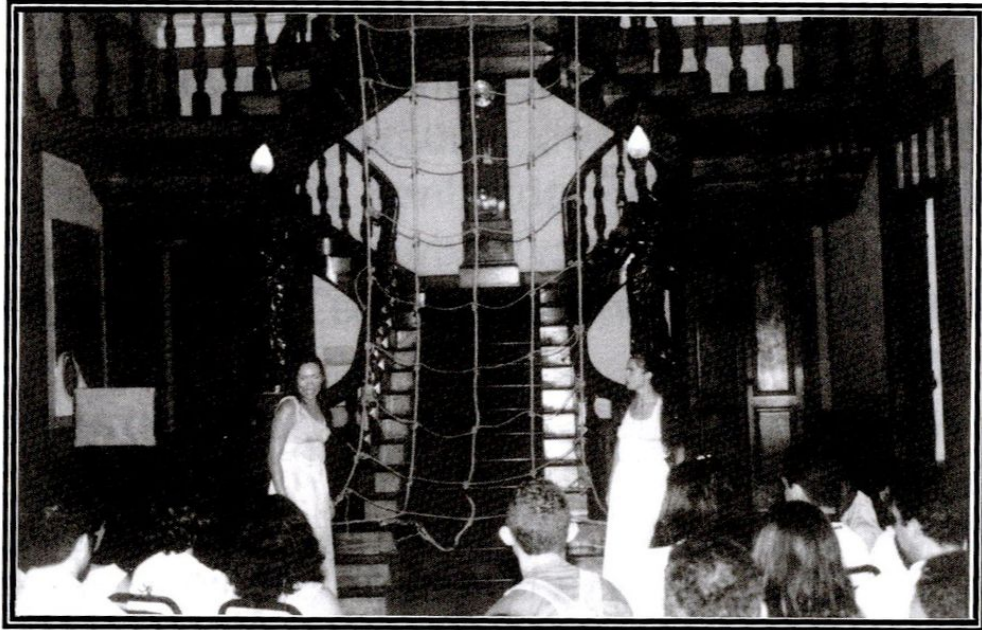



Foto de Sérgio Cardoso

Teatro

Mirante

Em grupos de no máximo três pessoas adultas, acompanhadas de guia, o mirante do Palácio pode ser visitado. Dele pode-se ver boa parte da cidade e o belo telhado do Palácio com telha importada.

No hall de passagem para o mirante pode-se ver, através da clarabóia de vidro, o hall do piso superior e a escada do prédio.

O local servia para funcionamento do sistema de rádio-comunicação do Palácio do Governo.

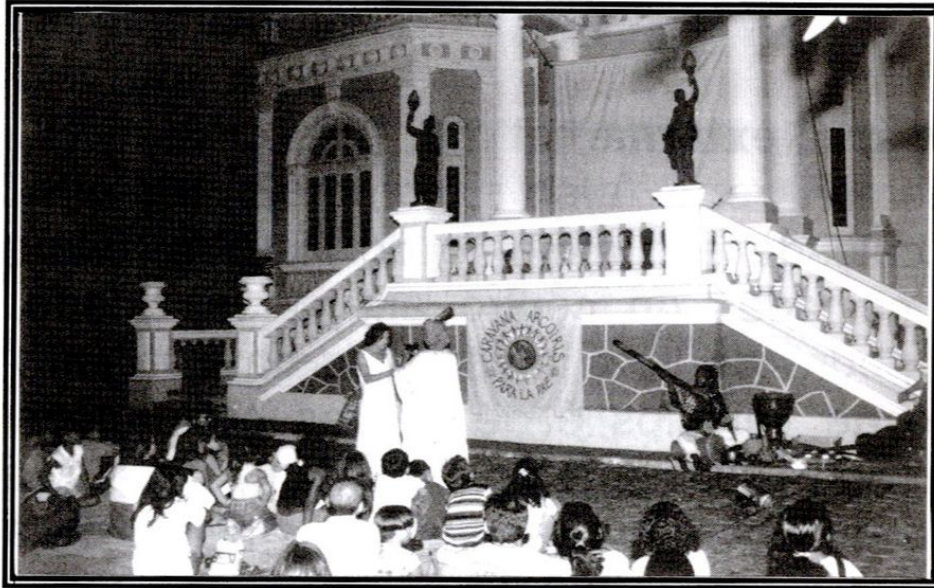



Foto de Sérgio Cardoso

Teatro ao ar livre

O acesso ao mirante é por bela escada em madeira regional, na qual foram feitas cenas de "*O Cineasta da Selva*" filme que homenageia o cineasta Silvino Santos. O filme é do diretor amazonense Aurélio Michiles.

Silvino Simões Santos Silva, nasceu em 29 de novembro de 1886, em Sernache, pequena cidade portuguesa, filho do professor de música Antônio Simões Santos Silva e de Virgínia Silva, veio para a Amazônia através do Pará e tornou-se cineasta e

fotógrafo. É autor, dentre outros, dos filmes: *No País das Amazonas*, 1921; *No Rastro do Eldorado*, 1924; *Terra Portuguesa*, 1925. Faleceu em Manaus, em 14 de maio de 1970 e é considerado um dos pioneiros do cinema brasileiro.

Calçada e área externa

A calçada e o meio-fio do Palácio, como eram todas as calçadas do centro antigo da cidade, é de peças de pedra de lióz, importadas da Europa. A área de acesso de veículos é de pedras portuguesas, tipo paralelepípedo, calçamento comum nas ruas de Manaus, o que permitia rápido escoamento de água e adequação ao clima quente e úmido. O calçamento original da parte interna do Palácio era de cimento e pedra do tipo jacaré, regional, e foi substituído por paralelepípedos na restauração de 1981.

No jardim de entrada central do prédio, o visitante pode ver, em bronze, uma medusa[5], de autor desconhecido e que já pode ser identificada em fotos de 1920. Ao seu redor, placas de bronze, no chão, indicam os principais eventos já realizados no Centro Cultural. À esquerda, uma árvore de pau-brasil, plantado pelo engenheiro agrônomo César Najár Fernandes.

Na escada da entrada principal do Palácio duas estátuas de bronze, importadas de Paris, guardando relação com as demais peças existentes no seu interior.

Informações Gerais

O Palácio está em terreno de 4.717,39 m², na Av. Sete de Setembro, data que homenageia a Independência do Brasil.

- Os Jardins 2.000 m²
- O 1º pavimento 535,39 m²
- O 2º pavimento 461,49 m²
- O sub-solo 115,60 m2
- O sótão 108,80 m2
- A Torre 32,06 m2
- Estacionamento 799,50 m2
- Circulação 670,00 m2
- O escudo visto na parte frontal do Palácio compõe as armas do Estado, feito em bronze.

Anexos

O Centro Cultural tem dois anexos, nos quais funcionam o Museu da Imagem e do Som e o Espaço de Referência Cultural do Amazonas, na Vila Ninita, que se completa com o auditório Kilde Veras e Cine-Teatro Guarany.

Foto de Sérgio Cardoso

Música Popular

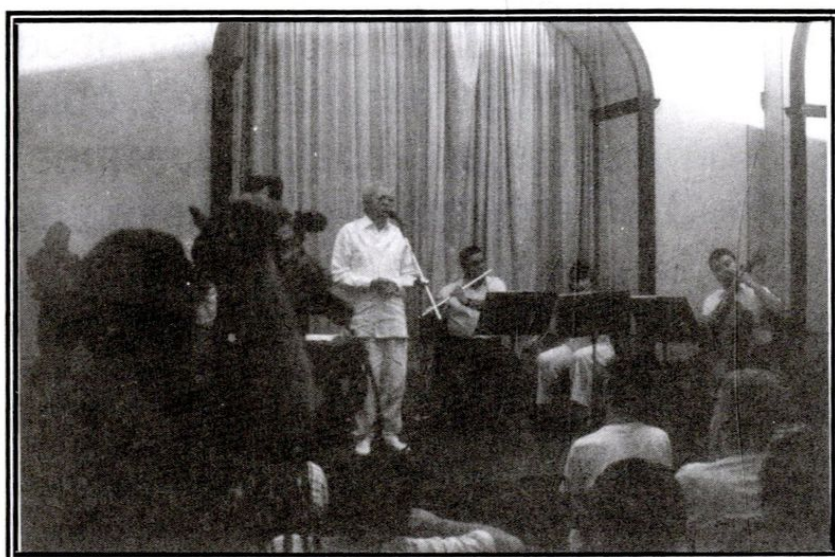



Foto de Sérgio Cardoso

O Espaço de Referência Cultural, inaugurado em 7 de novembro de 1999, funciona como centro de estudos, pesquisas e debates das populações amazonenses e correntes migratórias, utilizando-se de exposições como base de demonstração de valores próprios do povo. Nele instalou-se também um cinema para filmes fora do circuito comercial e um teatro para abrigar espetáculos de música, teatro e dança, homenageando o antigo cinema Guarany, símbolo popular da paisagem arquitetônica de Manaus.

Kilde Veras nasceu em Manaus, foi jornalista, poeta e funcionária pública estadual, chegando a ocupar funções de relevo e alta direção na administração do gabinete do governador do Estado durante muitos anos. Escreveu para jornais e revistas com circulação em Manaus, desde muito jovem.

Notas

(1) O autor era à época Secretário Executivo do gabinete do vice-governador e foi o responsável pela coordenação da equipe de elaboração do Projeto de Restauração do Palácio Rio Negro e integrou a comissão de execução da obra também composta dos seguintes membros: coronel Osório Fonseca, dr. Joaquim Corado, artista Jair Cantanhede, engenheiros Sildovério Tundis e Alceu Sanches e arquitetas Graça Carmona e Regina Lobato.

(2) O autor elaborou a exposição de motivos apresentada ao governador José Lindoso, com o objetivo de promover o tombamento dos prédios históricos referidos.

(3) *Acapu*, árvore grande, ramificada e de belo aspecto. Ocorre escassamente na Guiana Inglesa e é comum no Suriname e bastante desenvolvida no Pará, onde é utilizada como madeira de lei. Madeira muito pesada, de cerne castanho escuro, grande durabilidade, que não absorve umidade e resistente aos fungos. Utilizada em dormentes, construção civil e naval, assoalhos e estacas.
Pau amarelo, abundante no Pará e no baixo Amazonas. Alcança 40 metros de altura por um metro de diâmetro, tida como ornamental pela rara beleza de sua folhagem. Madeira homogênea,

pesada, cerne de cor acetinado ou amarelo-limão. Utilizada em marcenaria de luxo, tacos, tábuas, móveis e bengalas.

(4) *Paralelepípedo*, sólido geométrico com opostos iguais e paralelos, em pedra ou elemento de rocha, destina-se ao revestimento ou pavimentação de ruas, tal como usado amplamente em Manaus, até a substituição por camada asfáltica.

(5) *Medusa* – Figura da mitologia grega, era uma das Górgonas, filhas de Fórcis e Ceto. Das três irmãs – Esterno, Euríale e Medusa, apenas esta era considerada a Górgona por excelência, era mortal. Habitava no grande ocidente da terra, nas proximidades do Inferno. A cabeleira de serpente é sua característica. Teria sido uma bela jovem, orgulhosa de seus cabelos.

Medusa

Bibliografia

Bittencourt, Agnello (1973). *Dicionário Amazonense de Biografias*. Academia Amazonense de Letras. Ed. Conquista, Rio de Janeiro.

Bittencourt, Flávio. (1982). *Silvino Santos*. Série Memória 4. Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico do Amazonas, Imprensa Oficial, março.

Braga, Robério. (1999). *Governantes do Brasil e Amazonas.* Coleção História do Amazonas. História Política 3. Fundação Lourenço Braga. Manaus.

-------(1982). *Palácio Rio Negro*. Série Patrimônio 2. edição comemorativa da restauração. Imprensa Oficial. Manaus.

Dicionário de Mitologia Grego-Romana – Abril Cultural, 1973.

Indicação de mobiliário e peças de arte, Consultoria de Luciano Figueiredo, Rio de Janeiro, 1997.

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Arthur Loureiro *et al*. (1979). *Essências Madeireiras da Amazônia*. 2 vols. Imprensa Oficial do Estado. Manaus.

Koogan-Houaiss (1998). *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Edições Delta.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141. Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura